



# REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

## A CERIMÔNIA DE UM ADEUS QUE NÃO HÁ<sup>1</sup>

João Carlos Pereira

O endereço existia há anos em minha agenda. Cartas atravessam o mar, buscando a *rue de Normandie*, 40, BMV 9, ap. 1171, em Clamart. Com letras bem grandes, o país – FRANCE – para que não se perdessem pelo caminho e fossem parar em outro lugar. O *cep*, ou seja lá como os franceses chamam aquela numeração, era 92140. Um cuidado extremo que valia a pena, porque, até onde nos demos conta, nenhuma foi bater em outro país ou ficou sem resposta. Na hora de preparar o envelope, toda atenção era pouca. Com o hábito, já nem recorria mais à agenda de telefones e escrevia direto. Depois de muito tempo, eis que surgiu a hora de conhecer o lugar onde as cartas aportavam. Já havia tentado chegar lá em outras ocasiões, mas a resposta era sempre a mesma: “estaremos na Grécia”. Ou então: “vamos para Cannes”. Todos os caminhos me desviavam de Clamart. Mas um dia, enfim, ela me disse: “venha me ver. Não vamos sair.”.

Passei a viagem toda pensando no encontro. Os passeios aos lugares já tão visitados, o reencontro com o conhecido da banca de revista, o “bom jouuuuurrrr” cantado da moça da padaria, os concertos na Santa Capela, uma nova exploração ao museu da Idade Média, tudo era entrecortado com a possibilidade, a primeira, entre idas e vindas à França, com a chegada ao prédio onde Lindanor e Serge moravam. Não fazia ideia de como era. Um edifício alto, uma construção antiga, alguma coisa parecida com aqueles prédios do centro de Paris ? Eu fantasiava. Esperava vê-la ao pé de escada. Queria sentar na poltrona da qual Edwaldo Martins sempre falava. Na verdade, tudo isso era pretexto para aplacar a saudade.

A primeira ligação foi de telefone público. Achava o máximo poder falar com a Lindanor, me valendo desse tipo de serviço. Era chamada local e isso significa que estávamos pertinho. Passávamos uns dias na cidade que ela tanto amava palco de inúmeros desencontros e

---

<sup>1</sup> Publicado em *Lindanor, a menina que veio de Itaiara*, org. Amarilis Tupiassú, João Carlos Pereira, Madeleine Bedran. Belém: Secult/PA, 2004.

que, pela primeira e última vez, nos abraçaria. Às vezes ligava só para dizer alô ou para avisar que estávamos embarcando para Lourdes, em peregrinação à gruta de Massabielle. Na volta, ainda mais apaixonado por Nossa Senhora, outro telefonema para contar que havíamos retornado. Era privilégio entrar numa cabine telefônica local para falar com ela.

Talvez quisesse, indefinidamente, adiar o encontro, só pela alegria de marcá-lo. Estávamos em temporada muito curta- apenas os dias do carnaval- Maria Lúcia Almeida, nossa amiga; Edithe, minha irmã; Emília, meu amor, e eu. Mais tempo não havia. Serge Casha, com seu jeito de anjo, avisou que nos esperaria em “Marry d’Issy”. A emoção era tanta que não perguntei nem com que roupa estaria. E como era Serge Casha? Quem de nós já o havia visto, a não ser em foto de jornal, publicada muitos anos atrás? Ninguém sabia. Alguém nos disse que guardava semelhança com o ator Antonio Fagundes. Esse era um detalhe que, mais tarde, confirmaríamos.

Um inverno muito estranho modificava os hábitos franceses. Havia nevado no Natal e já era tempo de estar menos frio. Quem disse? Mal colocamos o pé na cidade e Paris amanheceu coberta de neve. Quando viajamos para o sul, o trem parou muitas vezes, porque os trilhos estavam nivelados ao campo pela brancura, que também deu aos Pirineus uma nova face. Era neve que não acabava mais. Nosso pequeno grupo, pouco habituado a essas baixas temperaturas, chegou ao fim da linha do metrô, procurando por alguém que também estivesse padecendo com o frio. Essa criatura não estava lá. Perto da escada, apenas um senhor mais agasalhado nos aguardava. Não porque não houvesse mais gente que corri para o abraço. Era Serge Casha! Demoramo-nos naquele gesto, que aproximava para sempre dois homens que nunca haviam se visto. Emília, Lúcia e Edithe se olhavam espantadas. E se não fosse ele? E se Serge houvesse se atrasado? Seria aquele ali? Não havia dúvidas. Quem dava a informação precisa era meu coração. Serge Casha estava lá, sereno, pontual. Parecia um pouco ansioso. Eu não escondia a emoção. Afinal, iria conhecer uma pessoa de quem há anos ouvia falar. Serge, naquela hora, quebrava a casca da personagem que eu criara para ele e se transformava, quase que imediatamente, no amigo fraterno. Por alguns momentos ficamos calados, vivendo apenas a alegria do encontro. Depois, como velhos amigos, apresentei-lhe minha mulher, nossa amiga e minha irmã.

O caminho que nos separava da estação do metrô até a casa de Lindanor talvez fosse, mais ou menos, como o de Belém a Icoaraci. Um pouco menos, com certeza, mas havia uma subida com calçadas ajardinadas e floridas. Quase ao fim do trajeto, a algumas ruas de nosso destino, alcançamos uma avenida pela e, do alto, víamos Paris. Pela primeira vez, olhando a cidade tão longe, pude entender de verdade porque é chamada de luz. Pela primeira vez, também, não me interessei por Paris. Queria estar em Clamart, entrar na Rue de Normandie. Ver minha amiga que, àquela altura, já sabia debilitada.

Serge Casha é uma das pessoas mais atenciosas e simpáticas que já conheci. Enquanto dirigia, conversávamos. Eu me perguntava de onde vinha tanto assunto, onde nascera tanta intimidade. A conversa era de quem havia interrompido a prosa fazia um pouquinho, tempo suficiente para ir buscar um copo d'água e voltar. Quando quisemos saber mais sobre a saúde da nossa Linda, ele baixou o tom da voz, tomou fôlego e, quase que segurando a lágrima, disse que, naquele momento, ela estava bem. “Naquele momento” era espécie de “graças a Deus”. Algo como -pelos menos agora- ela houvesse superado os problemas de saúde. Quais problemas? Ele foi breve, ao dizer que a pressão não ia bem e que o coração estava fraquinho. Coração fraquinho vai debilitando o resto do organismo. Aí compreendemos e não fomos além de um “graças a Deus agora está bem.”

Mais tarde, e aos pouquinhos, em outras conversas por telefone ou por e-mails, falou mais da saúde do seu amor. Ela havia tido um acidente vascular cerebral e esquecera o francês, sua quase-língua-mãe. Um golinho de café sequer sabia pedir. Com muito amor, Serge foi tomando a conversação em seu idioma e ela, mais por ação do afeto do que pelo afeto dos remédios, foi recobrando a memória e voltou a se comunicar na língua do país que a acolhera e que escolhera para viver e amar. Mesmo que desejasse, não havia mais jeito: Lindanor já era um pouco francesa. Aprendera a falar, a sentir, a pensar, a agir – digo mais: a olhar – como os franceses. Quando estava em Belém, referia-se “francesamente”, sem se dar conta, é claro, à rotina em casa, do trabalho e à vida simples que levava ao lado do marido.

Uma vez, num domingo de Círio, ela estava com o coração apertado de saudade. Serge sabia o que se passava em sua alma católica e, na hora do almoço, serviu-lhe pato com azeitonas. Sem nunca ter estado em Belém, era o máximo que conseguia imaginar, para fazer uma longínqua associação com a cor do jambu do pato do tucupi. Naquele dia, Lindanor almoçou pato assado, enquanto mastigava azeitonas. Nunca as tradições paraenses foram tão francesas. E jamais um almoço em Clamart foi tão próximo ao que, pela diferença de fuso, somente algumas horas depois seria servido em Belém.

Lindanor já estava aposentada da Universidade de Lille III – a maior do Norte da França, como gostava de acentuar e para onde ia, de trem, corrigindo trabalhos dos alunos e rezando o Rosário. “Três terços, meu irmão. Não é mole!”. Serge continuava na ativa. Ministrava aulas e tinha atividades acadêmicas. Em casa, cuidava de tudo. Àquela altura, tinha dificuldades para levantar da cadeira, mas andava pelo apartamento de dois quartos, sala com dois ambientes decorados com peças que ela levava do Brasil, como pôsteres, uma pele de onça, cerâmicas e muitos, muitos livros. Quando chegamos lá, enfrentei os lances de escada - dois ou três, já não me lembro bem - que levavam até Lindanor. Serge abriu a porta, beijou-a e anunciou visitas. Foi uma choradeira geral.

Para cada um de nós, ela reservou o melhor abraço da amizade. Amigo há mais tempo, me vali desse posto que a antiguidade da ternura me conferia e fui o primeiro. Não havia

necessidade de palavra. O tempo, nesse instante, perdeu a razão e nos vimos no gesto de há alguns anos, numa despedida no aeroporto, em Belém. Lúcia também era amiga e se emocionou. As duas se comoveram, no abraço demorado. Edithe e ela já se conheciam de nossa casa, em Belém, mas não eram íntimas. Quando apresentei Emília, ela segurou-lhe o rosto, olhou nos seus olhos e disse que era linda. Depois abraçou-a, chamando-a de “minha filha”. Foi bem querer ao primeiro olhar. Naquele começo de noite, Clamart poderia se chamar ternura.

Preciso ser sincero e dizer que fui procurando, com olhos, a poltrona. Aquele poltrono de que falara Edwaldo. Era ele, afinal, quem trazia para a cidade as notícias de “nossa escritora em Paris”. Sempre que alguém chegava lá, ligava para ela ou recebia uma carta e conversava com Edwaldo, por menor que fosse a informação, sempre merecia destaque de notícia importante do jornal. Edwaldo Martins era um homem raro e sabia, como poucos, valorizar um ser humano. Jamais a cidade esqueceu de sua coluna. Durante muitos anos, pensou-se que os dois eram nascidos e criados na cidade de Bragança, que fica quase 250 quilômetros de Belém. Não eram. Didi, como os amigos o chamavam, era bragantino. Lindanor era, conforme diz no Pará, “filha de castanhal”, uma cidade mais ou menos 100 quilômetros de Belém. Criou-se em Bragança e cresceu em Belém. Foi professora, atriz, servidora do Tribunal Regional do Trabalho da 8ª Região, jornalista e escritora. Uma mulher para quem o mundo não tinha fronteiras e para quem a vida não conhecia limites. Era católica de rezar o Rosário diariamente e não perdia a Missa. Sempre teve coragem e jamais abriu mão de encontrar a felicidade, ainda que esse estado de espírito estivesse do outro lado do mar, na França.

Não há como chegar a Paris, partindo de Belém, sem levar uma montanha de novidades. “Me conte tudo!”, pedia. “Quem morreu?”. “Quem se separou?”. “Quem está com quem?”, perguntava, com um delicioso ar de fofoca no rosto. Era tudo brincadeira. Ela queria saber mesmo era dos amigos. “Me conte... como vai o Olavo (Lira Maia)? Cadê a Angelina (viúva de João Marques)? E a Norma (Barata)? “Cadê o Edwaldo?” “E a Lana? “A Lucy (Texeira)?” “Cadê o Maiolino (Miranda)?” “E o Arthur (Kós Miranda)?”, “O Acyr (Castro)?” “O Ildefonso (Guimarães)?” A lista não acabava mais. À medida que ia se lembrando de alguém, perguntava. Mas o que queria saber, mesmo, deixava para depois. Adiava, como se desejasse se preservar de uma notícia ruim, ou esperasse uma novidade muito boa: “tens visto meus filhos”? Nesta hora, seus olhos enchiam de lágrimas. Num minuto, porém, se animava e anunciava que o Cláudio planejava ir vê-la e que o Henrique estava com passagem marcada. Cláudio e Henrique eram os filhos vivos. Fernando morrera há algum tempo. Foi fim trágico: uma Kombi avançou contra uma mangueira onde ele estava encostado e o esmagou. Ela jamais se recuperou totalmente dessa perda. Quem supera uma desgraça desse tamanho? Pelo Fernando sempre teve mais do que amor de mãe: o admirava imensamente. “Ele aprendeu a tocar piano sozinho e tirando o inglês, falava outros idiomas sem nunca ter estudado com ninguém”, gabava-se. Fernando era tão inteligente que não conseguia se conformar com os currículos universitários.

Para ele, era sempre muito pouco e logo perdia o interesse pelas aulas. Desestimulado, deixou o curso de Medicina pelo meio e foi experimentar novas sensações. Por causa delas, perdeu-se.

Enquanto abríamos as sacolas com os presentes que havíamos levado, ia me lembrando, quase como se traçasse uma cronologia mental, precisa e subjetiva, ao mesmo tempo, da amizade que nos unia há mais de duas décadas. Seu nome ouvi pela primeira vez, quando estava na Universidade. Lana, a professora de Literatura Paraense, falou em Lindanor Celina e eu anotei em meu caderno Linda Norcelina. Norcelina soava menos estranho do que Lindanor. Quando recebi a bibliografia da disciplina é que me fui dar conta da doidice. Linda Norcelina era Lindanor Celina. Vivíamos o final dos anos 70 e Linda havia publicado apenas três livros, que foram indicados como leitura, digamos, obrigatória. O primeiro, “Menina que vem de Itaiara”, encontrei sem dificuldade. Mesma coisa “Estrada do Tempo-Foi”. Atravessava a madrugada lendo e rindo. Rindo e lendo. Quantas vezes meu pai abriu a porta do quarto para saber o que se passava? O terceiro, “Breve Sempre” encontrei escondido-sim, escondido, esquecido, talvez uma pilha, debaixo de um balcão, na antiga Livraria “Martins” em Nazaré. Levei a informação para a Universidade e, logo depois, todos estavam vendidos. Foi mais ou menos nessa época que nasceu nossa amizade,

A notícia chegou como uma explosão de fogos de vista “Lindanor vai chegar!”, avisou a professora Lana. Passaria uns dias aqui e todas as chances de estar com ela, de vê-la, de conversar seriam preciosas. A primeira foi no aeroporto. Daquele dia em diante, nunca mais nos separaríamos. Parecia um reencontro de velhos amigos. Quase igual aconteceu comigo e Annamaria Barbosa Rodrigues que, sem nunca me ter visto, fez uma dedicatória em seu livro “Lírica”, saudando o “reencontro definitivo”. Pode? De que forma eu reencontraria alguém que nunca havia visto, que só conhecia de nome e “de ler?” Amizades assim, reencontradas, guardam largo espaço para o inexplicável. E como fomos amigos nesta vida, meu Deus...

Quando ela chegava, geralmente vindo ou indo para São Paulo, onde ia ver a mãe-velhinha, mal dava para os amigos. Eram tantos os compromissos que fazia uma agenda: almoço com Moraes Rego (o artista plástico); jantar com Lalita; almoço com Waldemar Henrique; jantar com Paes Loureiro...era assim. Dividia-se como era possível, repartia o pão com muitos. Se tinha livro para lançar era pior. Grudava-se no telefone e passava manhã, tarde, noite chamando os amigos. “É a chance que eu tenho para ver você...” dizia. Na noite dos autógrafos havia multidão. Uma vez, acho que pelo lançamento do “Pranto por Dalcídio Jurandir”, que a Secdet (Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo), sob o comando do jornalista acadêmico Acyr Castro, publicou, o “hall” do Teatro ficou tão cheio, mas tão cheio, que as pessoas tiveram de ir para o lado de fora. O povo ia chegando e se avolumando. Quando se viu, até o trânsito fechado. Era uma glória para Lindanor, que nem se apercebia da confusão que, involuntariamente, armara. Quem mandou ser tão querida? No outro dia estava acabada, mas não descalçava aquelas plataformas sobre as quais se equilibrava. Eram sapatos

enormes, como os de Carmem Miranda. Como alguém podia andar - e pior: dançar!- com um sapato daqueles? Lindanor podia. Remexia as cadeiras, rodava a saia e ensinava uns passos de flamengo, imaginando-se com xale e com as castanholas. Não era de muito comer, mas, ou para fazer graça, ou porque acreditasse naquilo, mal terminava o almoço e , se estava entre gente íntima, colocava um livro sobre a cabeça e ia dar umas voltas. “É para emagrecer”, ensinava.

Não entendia como alguém, morando na França há tanto tempo, pudesse estar tão ligada às coisas do Pará e do Brasil. Fosse hoje, com as facilidades da televisão e da internet, não se estranharia. Mas os anos 70 e 80 eram, comparados aos dias de hoje, movidos a vapor. Dependíamos do Correio para quase tudo. Mas assim como uma grande rede de TV, mantinha “correspondentes” em todo país. Sabia de detalhes. Conhecia o fato e suas versões. O ato e o boato. Fosse alguém lhe contar uma “novidade” e ela vinha logo com outra história. “ Mas fulano me disse que não foi bem assim...” E ria que se acabava. Nossas conversas aconteciam quase sempre um almoço ou um jantar, porque quem a chamava para sair queria exclusividade, o privilégio de tê-la por perto.

Era assim que nos sentíamos, naquela noite, em Clamart. Lindanor à vontade, recebendo seus amigos, pegando nossas mãos e apertando-as... As mãos no rosto, o carinho da despedida. Os olhos emocionados, a cabeça inclinada sobre o ombro, num trejeito que só ela sabia fazer. Íamos colocando os presentes na mesa. Dona Norma Barata mandara um doce; Doló, o anjo da guarda de dona Norma, incluía um pacotinho na bagagem de Maria Lúcia. Nós também levamos algumas coisas e conversamos até tarde. Serge nos mostrou a casa e serviu a mesa caprichada. Ele abriu um vinho fantástico- um Bordeaux superior “Saint Émilion”. Como vou poder esqueceu desse nome? Lindanor, Serge e um vinho cuja referência traz a imediata do nome de minha mulher, Emília. “Pode beber à vontade que não faz a ninguém. É um Bordeaux.”, receitava Lindanor. Quem disse que tive coragem de comprar um “Saint Emilion”, depois daquela noite? Passo por ele no supermercado, olho, olho e volto a ter saudades. Brindamos muitas vezes , comemos pão e nos servimos de uma comida deliciosa. Numa cabeceira, Serge era só atenção. Na outra ponta, eu, recém admitido na Justiça do Trabalho, falava para Lindanor sobre como estava a repartição da qual se aposentara. Numa hora, ela me puxou para perto do seu rosto e, como Serge estivesse distraído, me perguntou: “olhe só para ele... Como consegui um homem desses? Logo eu, sem fortuna e sem beleza...só pode ser amor, meu irmão...”. Os olhos marearam novamente.

Talvez por saber o quanto nos queríamos bem, Emília entrava nas conversas com uma intimidade de quem era amiga de Lindanor desde sempre. Lindanor olhava para ela e, volta e meia, repetia: “mas você é linda!” Falamos de tanta coisa e nem demos conta das horas. Lá fora, o frio aumentava e Lindanor já deixava para trás os dias de madrugadora. Precisava repousar. O casal nos cobriu de presentes. Até para minha mãe veio um. Eram amigas? Não, mas se queriam bem. Sempre que ia nossa casa, mamãe caprichava no almoço. Naquele tempo, ambas eram

magrinhas e mamãe se esmerava nos quitutes, porque ia receber em sua casa uma pessoa a quem admirava com o respeitoso silêncio de leitora. Além do que era minha amiga e isso, para ela, valia como uma credencial.

A despedida foi marcada pela esperança de retorno. “Venham nos ver no verão”, pedia. Para que não houvesse tristeza, acertamos a volta. Como retornar em tão pouco tempo? Planejamos uma nova viagem no inverno seguinte, mas não foi possível. Emília ficou grávida e, com seis meses de gestação, quase sete, viajar de avião seria um risco que o médico mandou evitar. Desejamos ir antes, mas havia ameaça de terroristas. Com um bebê em casa, impossível arredar os pés do país. De qualquer forma, nunca abandonamos o plano de vê-la outra vez. Era mais um conforto de que alguma coisa concreta.

Já no carro, a caminho do metrô, onde, com certeza, pegaríamos a última viagem, o inusitado: eu havia deixado o relógio sobre a mesa. Como não tenho hábito de andar com relógio, onde chegava, ia tratando de tirar do pulso aquele objeto que me incomodava imensamente. Foram segundos de constrangimento, mas Serge nem se importou em dar meia volta. Sabia que não voltaria mais ao apartamento da *Rue de Normandie*. Aquela seria a última ocasião em que nos veríamos e, no íntimo, sabíamos disso. Era nossa cerimônia de adeus.

De alto de Clamart, mais uma vez, vimos Paris. Desta vez, percebi que havia solidão no ar. Talvez nevasse no dia seguinte e nossas breves férias estavam chegando ao fim. Em casa, numa tarde de carnaval, o telefone interrompeu a sesta para avisar que Lindanor havia morrido. Naquele instante, os amigos compartilhavam as poucas informações de que dispunham. Um ligava para o outro, na inútil tentativa de encontrar consolo e amparo. Estávamos todos órfãos de nossa Linda. O que me deixou mais tranquilo foi a conversa que tive com Serge, momentos depois da notícia. Ele estava em paz e conformado. Sofria muito, é verdade, mas o amor era maior que a perda.

Meses depois, suas cinzas cruzaram o mar e vieram ser depositadas na baía de Guajará. Foi uma cerimônia tristíssima. No meio da tarde, um barco deixou o cais e parou diante da cidade. Uma grande quantidade de cinzas voou sobre as águas. Havia silêncio no barco e uma leve brisa soprava. Sem que ninguém visse de onde veio, surgiu uma touceira de mururé. As plantas foram se agrupando e formaram um círculo, uma espécie de coroa natural, que ficou girando sobre as cinzas da Linda. A embarcação voltou para terra e a vida prosseguiu. Lindanor, entretanto, que passou tantos anos longe, tornou a morar em Belém. Não apenas como saudade ou lembrança. Ela, que tanto amava seus livros, acabou virando tema de livro. Autor e personagem encontraram-se no mesmo destino e cumpriram, em folhas impressas, o que lhes fora dado viver. Ficção e realidade nunca estiveram tão próximas.

Belém, julho de 2004.

### Sobre o autor

João Carlos Pereira: Jornalista atuante, professor universitário – especialista em Teoria da Literatura, atuou na UFPA e Unama diversos anos. Sua experiência não descarta uma passagem pelas emissoras Funtelpa e pelo jornal O Liberal, onde ainda hoje atua; um dos biógrafos do maestro Waldemar Henrique, é cronista de mão cheia, e, quando é possível, não nega as influências exercidas pela cronista Lidador Celina em seu trabalho. Este texto é uma demonstração concreta do que se está a afirmar.